



**UNIVERSIDADE FEDERAL FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MARIZA DA SILVA**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:  
DESAFIOS FAMILIARES, ESCOLARES E SOCIAIS**

**CHAPECÓ  
2017**

**MARIZA DA SILVA**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:  
DESAFIOS FAMILIARES, ESCOLARES E SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria Alice Canzi Ames

**CHAPECÓ**

**2017**

Silva, Mariza da.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: desafios familiares,  
escolares e sociais / Mariza da Silva. – 2017.  
48f.: il.

Orientadora: Maria Alice Canzi Ames.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura  
em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2017.

1. Adolescência. 2. Gravidez precoce. 3. Instituições. I.  
Ames, Maria Alice Canzi, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III Título.

Ficha elaborado pela autora.

**MARIZA DA SILVA**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:**  
desafios familiares, escolares e sociais

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Ms. Maria Alice Canzi Ames.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

MARIA ALICE CANZI AMES

---

CAMILA SISSA ANTUNES

---

JUVENAL SCHMITZ

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela concepção da vida e pela proteção durante toda minha trajetória e por ter me amparado nos momentos mais difíceis no decorrer da formação acadêmica, sempre proporcionando força e fé, não permitindo desistir e nem se distanciar dos meus ideais.

Aos meus pais que sempre com muito esforço apontaram a educação e a dignidade em primeiro lugar, “A percepção da ausência não muda a afeição”.

A professora Maria Alice Canzi Ames, com a qual tive o privilégio de ter como orientadora e de poder partilhar de sua sabedoria, competência, sensibilidades para a construção deste trabalho. Seu apoio foi marca indelével quando a vida exigiu que eu atravessasse por momentos delicados e extremamente difíceis nos quais necessitei de amparo e acolhimento amigo.

A UFFS pela oportunidade de inserção, nossa universidade nascida dos movimentos sociais pelas lutas e anseios do POVO e daqueles que se preocupam com ele. A todos os professores que tive neste período de formação acadêmica.

A EEB Lara Ribas, pela abertura para a realização desta pesquisa, permeada pela excepcional colaboração do professor Juvenal Schmitz.

Aos meus filhos Jefferson Gustavo e Jessica Maiara, minhas bases, meus motivadores de cada luta, pelo apoio, incentivo e por acreditarem em minhas potencialidades apesar da ausência que a formação exigiu.

A minha companheira e fiel escudeira Catiana, pela paciência, dedicação e cumplicidade. As grandes amizades construídas ao longo desses últimos anos, sem os quais certamente não teria sido tão prazeroso a trajetória deste curso repleto de tantos desafios, alegrias, obstáculos, aventuras e boas lembranças. Alguns se tornaram parte das mais belas páginas do livro de minha vida e os levarei para sempre em meu coração.

As adolescentes entrevistadas pela importante e indispensável colaboração.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso foi elaborado como requisito parcial de aprovação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, e tem como tema gravidez na adolescência: desafios familiares, escolares e sociais. O objetivo deste trabalho foi identificar e compreender as transformações e mudanças que ocorrem na vida das adolescentes com a gravidez e qual a ligação dessas mudanças aos contextos familiares, educacionais e sociais ao qual pertencem, buscando identificar e entender as transformações e mudanças que ocorrem na vida de adolescentes estudantes diante da constatação do estado gestacional. As abordagens principais em relação a gravidez na adolescência foram atribuídos em especial aos referenciais teóricos da área de Sociologia, tendo como destaque Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Émile Durkheim, focando nos posicionamentos e noções das estudantes pesquisadas em relação aos cenários institucionais aos quais fazem parte, no momento em que a adolescente grávida emerge como em possível problema contrariando as expectativas sociais. Para a realização desta pesquisa optou-se por abordagem qualitativa, fazendo uso de entrevistas semiestruturadas e questionários abertos com as estudantes da Escola de Educação Básica Coronel Lara Ribas, localizada no município de Chapecó – SC.

**Palavras-chave:** Adolescência. Gravidez. Educação. Conflitos.

## ABSTRACT

This study attend as partial requirement of approval in the course of Degree in Social Sciences of the Federal University of the South Frontier and its theme are teenage pregnancy in family, school and social relations. It aims to identify and understand the transformations and changes that occur in the life of adolescents with pregnancy and what the connection of these changes to the family, educational and social contexts to which they belong. In addition, we sought to identify and understand the transformations and changes that occur in the life of adolescent students in face of the gestational state. The main approach to teenage pregnancy were attributed in particular to the theoretical frameworks of Sociology, with Pierre Bourdieu, Michel Foucault and Émile Durkheim as their focus. The center of the research was on the student's behavior and notions in relation to the institutional scenarios to which they belong, at a time when the pregnant adolescent emerges as a possible problem in opposition to social expectations. In order to carry out this research, we opted for a qualitative approach, using semi-structured interviews and open questionnaires, in addition to a participant observation with the students of the Basic Education School Coronel Lara Ribas, located in the city of Chapecó - SC. At the end of the research, it was possible to raise different problems and situations that pregnant adolescents spend in different contexts in which they live.

**Keywords:** Adolescence. Pregnancy. Education. Conflicts.

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1 LOCALIZAÇÃO EEB CEL. LARA RIBAS	30
GRÁFICO 1 IDADE DAS GESTANTES .....	31
GRÁFICO 2 COMPOSIÇÃO FAMILIAR NA MORADIA .....	32
GRÁFICO 3 IDADE DOS PAIS/RESPONSÁVEIS .....	32
GRÁFICO 4 ESTADO CIVIL DAS JOVENS GESTANTES .....	33
GRÁFICO 5 ESCOLARIDADE DO PAI.....	34
GRÁFICO 6 ESCOLARIDADE DA MÃE .....	35
GRÁFICO 7 IMPACTOS EMOCIONAIS .....	38

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b><u>ADOLESCÊNCIA, GRAVIDEZ E SEXUALIDADE</u></b>	<b>13</b>
2.1	DESMISTIFICANDO A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	14
2.2	A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA	19
2.3	CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA PARA O DEBATE ACERCA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	20
<b>3</b>	<b><u>IMPACTOS SOCIAIS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA</u></b>	<b>24</b>
3.1	PADRÕES SOCIAIS REPRODUTIVOS E OS ESTIGMAS	25
3.2	A GRAVIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR	27
<b>4</b>	<b><u>ESTUDANTES GRÁVIDAS: CONTEXTO E ANÁLISE DA PESQUISA</u></b>	<b>30</b>
4.1	CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO FAMILIAR E O PERFIL DAS JOVENS GESTANTES	31
4.2	CONHECIMENTO, INFORMAÇÃO E MÉTODOS CONTRACONCEPTIVOS	33
4.3	PERCEPÇÕES DAS ADOLESCENTES QUANTO A GRAVIDEZ	35
4.4	OUTRAS PERSPECTIVAS DIANTE DA REALIDADE DA GRAVIDEZ	38
	<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b>40</b>
	<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	<b>43</b>
	<b><u>APÊNDICE</u></b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de ampliar noções, esclarecimentos e considerações relevantes a respeito da gravidez na adolescência, bem como pensar sobre os enfrentamentos que as adolescentes encaram em relação ao senso comum que vão além de referências à anatomia e argumentações fisiológicas e sociais, trazendo a necessidade de considerar as discussões educacionais e aspectos socioculturais que determinam e norteiam esses preconceitos, através de um recorte, tendo em vista as proporções que exige o processo em debate. A falta de bases de análises e considerações podem resultar em noções reducionistas quando se trata da saúde física, psicológica e social destas adolescentes.

Uma das fases mais complexas do desenvolvimento humano é a adolescência, pelo fato de que os indivíduos passam por um processo de transição da infância para a fase adulta. Esse processo é carregado de estigmas que permeiam a busca pela identidade envolvendo, muitas vezes, a sexualidade, que resulta na gravidez precoce e/ou indesejada trazendo complicações à vida dessas adolescentes pelas preocupações causadas aos pais, profissionais da educação e em todos os que se envolvem no contexto social em que estas jovens estão inseridas.

As consequências do mundo informatizado levam as crianças e os jovens ao isolamento familiar, às restrições, à falta de diálogos e ao distanciamento afetivo na maioria das vezes. Há um grande contraste entre os relacionamentos com os colegas e o afastamento dos pais, muitas vezes por que esses jovens trabalham diminuindo sua dependência financeira em relação aos pais aumentando sua autonomia e seu controle sobre suas atividades, aquisições e delimitações de valores.

O tabu com que a sexualidade é tratada, os valores presentes tradicionalmente construídos, presença da mídia, o momento histórico, e tantas outros fatores que tem relações com o contexto social influenciam o comportamento dos adolescentes, contribuindo para que os jovens tenham uma iniciação sexual cada vez mais cedo, sem muita consciência ou informação sobre as consequências do ato, como o aumento dos índices de gravidez na adolescência. Além disso, essa

precocidade na atividade sexual também pode acarretar em problemas psicossociais, refletindo conflitos individuais para o meio social.

O despertar da sexualidade juvenil é sempre acompanhado de muitas desinformações onde os pais, por constrangimento ou falta de informação, deixam de falar sobre sexo com seus filhos, descumprido com sua parte como educadores na vida das jovens. Desta forma, as famílias deixam de passar as orientações necessárias e adequadas, fazendo com que suas filhas fiquem desorientadas e passíveis de aceitar informações e orientações de procedência duvidosa e/ou inadequadas.

Tendo este tema uma estreita relação com a subjetividade dos sujeitos, bem como com as interações com o meio em que habitam e convivem, optamos pela abordagem de pesquisa qualitativa para melhor compreender a complexidade que envolvem seus contextos, através de análises das extensões dessas realidades sociais presentes no contexto educacional.

O objetivo geral deste trabalho foi identificar e compreender as transformações e mudanças que ocorrem na vida das adolescentes com a gravidez e qual a ligação dessas mudanças aos contextos familiares, educacionais e sociais ao qual pertencem. Esta compreensão, dado a sua complexidade foi possível a partir da abordagem de pesquisa qualitativa, com observações participantes e entrevistas semiestruturadas, possibilitando melhores análises dos contextos e realidades sociais. Meu interesse por este tema foi despertado durante uma atividade da graduação na EEB Tancredo Neves, onde tive contato com dados alarmantes de casos de gravidez de estudantes desta escola. Entendo que este estudo pode ser uma importante ferramenta para a reflexão sobre a gravidez na adolescência como um fenômeno social e presente nas realidades atuais, proporcionando maiores entendimentos sobre a temática.

### **Problematização e metodologia**

Apesar de tantas pesquisas, estudos e ações, da obtenção de tantos resultados estatísticos, ainda encontramos perguntas, dúvidas e questionamentos sobre as dimensões dos casos de gravidez de adolescentes que frequentam ambientes escolares trazendo revelações preocupantes que pedem por ações e políticas públicas urgentes, com intensão de proporcionar formas de conscientização no contexto escolar. Além disso, é necessário pensar essas políticas considerando

tantas outras problemáticas presentes nos processos de ensino/aprendizagem das escolas, uma vez que as realidades educacionais sofrem problemas com a falta de estruturas adequadas, falta de qualificação e valorização dos profissionais da educação para o exercício de suas funções, a falta de diálogo familiar e a precariedade nas relações entre famílias e escola em paralelo com a própria realidade social, trazendo como consequências a evasão escolar e a desestruturação psicológica dessas jovens, dentre outros processos.

O problema deste trabalho desenvolve-se a partir da premissa de como acontecem os encaminhamentos e as estratégias que conduzem os casos de gravidez de adolescentes em ambientes escolares e como são tratados pelas próprias adolescentes, bem como pelos demais agentes do meio em que se encontram inseridas. Portanto, entrevistamos um grupo de oito (8) estudantes do ensino médio noturno da EEB Lara Ribas, com a intenção de entender como elas percebem as relações familiares, escolares e sociais sobre a sua condição de gravidez.

Para a realização desta pesquisa, por questão de acessibilidade e trabalhos anteriores desenvolvidos e pelo contato com o professor de Sociologia Juvenal, supervisor do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID Ciências Sociais da Escola de Educação Básica Lara Ribas, esta escola foi definida como campo para a pesquisa. A pronta colaboração do professor Juvenal possibilitou, além do acesso à escola, a interação e aproximação com estudantes gestantes e jovens mães que gentilmente e espontaneamente aceitaram participar como sujeitos desta pesquisa.

No decorrer da pesquisa de campo busquei conhecer o perfil das estudantes gestantes para identificar entender possíveis conflitos familiares, grau de conhecimento sobre sexualidade e prevenção, entre outros fatores que influenciaram sua condição de gravidez precoce, bem como o contexto atual da gravidez na adolescência em relação aos casos estudados. Não há neste estudo a pretensão de esgotar as possibilidades de discussão sobre a temática dado a complexidade dos eventos, mas sim trazer maiores informações e um pouco mais de entendimento sobre ela atendendo nossos propósitos.

### **Organização dos capítulos**

No segundo capítulo deste trabalho apresentamos as principais concepções sobre a adolescência, gravidez precoce, sexualidade e demais itens do enfoque. Para isso trago referenciais teóricos que contribuem nesta discussão permitindo discutir os elementos que influenciam diretamente no comportamento das adolescentes em relação ao grupo social ao qual pertencem, trazendo posicionamentos positivos ou negativos, exigindo adaptações dos atores que envolvem esta nova situação de modificações na vida da jovem. Outro ponto levantado neste capítulo são os enfrentamentos que surgem diante da maternidade, como as mudanças do cotidiano adolescente em relação as responsabilidades que surgem com a gravidez.

Na sequência, no terceiro capítulo, abordo questões sociais sobre a gravidez na adolescência mencionando as situações de vulnerabilidade e demais implicações originadas pela maternidade, assim como os reflexos e aspectos relativos ao estado gestacional.

No quarto capítulo apresento as análises conclusivas, seguindo as bases pesquisadas e em paralelo com os conteúdos e as teses propostas pelos autores referenciados, que resultaram em reflexões mais precisas, delimitando e ampliando as noções sobre como os comportamentos individuais e coletivos se apresentam nas instituições em que estão inseridas e como estas se posicionam nas aproximações e distanciamentos teóricos e práticos, analisando os resultados de como se dá esses processos. É neste momento que os dados obtidos junto as adolescentes participantes deste estudo são utilizados para análise através dos métodos definidos para a realização da pesquisa, sob as formas exploratórias e qualitativas, as conversas informais, as interações, diálogos coletivos, seguidas de entrevistas individuais e diários de campo resultantes destas, que serviram de base e estruturas para as análises do presente trabalho, sempre elencadas nos referenciais para melhores reflexões.

## 2 ADOLESCÊNCIA, GRAVIDEZ E SEXUALIDADE

A gravidez na adolescência é algo recorrente e carece de atenção do poder público, uma vez que se torna questão de saúde pública e um problema social. Neste sentido, este capítulo tem o objetivo de ampliar nosso olhar frente as questões que envolvem a sexualidade precoce para conseguirmos desconstruir alguns preceitos naturalizados pelo senso comum.

Desmistificar a questão da gravidez na adolescência é fundamental para superarmos o senso comum, portanto nossos preconceitos. Para isso traremos a contribuição de alguns pensadores e pesquisadores que investigaram a temática para que nossa discussão seja enriquecida com argumentos fundamentados na análise científica. Seguindo de contribuições do campo da sociologia para entendermos essa como uma temática presente nos estudos no campo das ciências humanas.

A partir das afirmações teóricas onde figura a estrutura do campo das relações constituída pela relação de força tanto dos agentes como das instituições, dependendo do *habitus*, como afirma Bourdieu (1998), podem ocorrer situações de violência em vários moldes, mas principalmente a violência simbólica, útil e invisível no interior do próprio seio familiar. Segundo Canevacci (1982, p.164), “a família faz com que a violência objetiva das relações sociais não manifeste diretamente a sua brutalidade, mas a faça através da interiorização da obediência desde um sistema hierárquico e autoritário desde a infância”. Esses contextos de consideráveis problematização da gravidez precoce, bem como suas relações com situações de conflitos, dado suas várias extensões, nota-se a necessidade em estudar o tema aprofundando a análise comparativa da vida familiar e social.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê a proteção integral as crianças e adolescentes, dando garantias à elas que não poderão sofrer negligências, exploração, violência, discriminação, crueldade e opressão, sob pena de seus responsáveis serem punidos na forma da lei. Nesta condição fica a família, a comunidade e a sociedade como um todo, além do poder público, na obrigação de assegurar com prioridade todos os direitos relativos a vida, a alimentação, educação e a saúde, assim como ao esporte, ao lazer, a cultura, a dignidade, a profissionalização, ao respeito, a liberdade, bem como a convivência familiar e em comunidade (BRASIL, 1990).

Apesar de todas as garantias estabelecidas pela lei, pelos direitos assegurados e reconhecidos, são vários e alarmantes os casos de violência sofridas por crianças e adolescentes dentro do núcleo familiar. Dentre as violências sofridas destaca-se os casos de abuso sexual que muitas vezes resultam em gravidez precoce e indesejada, gerando diferentes traumas na vida dessas adolescentes.

Martin Boró (1997) aponta formas de análises da violência envolvendo a compreensão das configurações entre indivíduos e sua coletividade ou grupo social ao qual pertence, sendo importante considerar as caracterizações dos atos particulares a cada caso, cada sociedade e momento histórico.

Com base nestas afirmações, crises inesperadas no contexto familiar, como por exemplo, a ocorrência ou constatação de gravidez inesperada de adolescentes, podem resultar até mesmo em ações de violência física seguida em função dos próprios moldes de vida ou convenções que seguem, ficando a adolescentes a mercê dos muitos traumas possíveis. Se configura como violências possíveis, como afirma Vieira, que:

[...] a violência contra crianças e adolescente representa todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra os mesmos que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ ou psicológico a vítima, implica, e um lado, uma transgressão de poder, do dever de proteção do adulto, e de outro uma coisificação da infância, negando os direitos que adolescentes e crianças tem de ser tratadas como sujeitos e pessoas em condições peculiares de desenvolvimento. (VIEIRA et al. 2004, p.307).

No entanto, segundo Duram (2006), a forma de violência doméstica contra adolescentes durante estado gestacional associa-se a perda de suportes sociais, como o apoio familiar e da comunidade, podendo ter consequências que comprometam sua integridade mental ou física, podendo se estender ao risco de problemas e complicações com o bebê, onde, em casos mais extremos, resulta em suicídio e aborto clandestino.

Para Lopes (2008), violência sexual se refere a formas ou atividades sexuais não consentidas e que, se tratando da adolescência, são recorrentes os casos em que os jovens adquiram sequelas anatômicas, além da probabilidade em contrair DSTs com risco eminente de gravidez.

## 2.1 DESMISTIFICANDO A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Há várias décadas a gravidez na adolescência traz muitas questões que são tabus para a sociedade, pois estas preocupações nunca saem de pauta. Em termos gerais, segundo Caldeira (2000 p.32), a gravidez precoce sempre foi indesejada, sem planejamento e, como definição mais corriqueira, um “problema”. Vários pesquisadores empenham-se em desenvolver estudos com o objetivo de encontrar soluções para este problema.

Para Caldeira (2000), na maioria das vezes as implicações referentes a gravidez na adolescência são atribuídas apenas “à jovem” e quase nunca ao parceiro, que é tão responsável pelo ato quanto a jovem, afinal “uma gravidez não se faz com uma pessoa só”. Para a sociedade as consequências recaem sempre sobre a gestante, ficando de fora o pai biológico da criança, bem como o contexto social em que se encontram.

Para Correia (2009, p.42), outra questão social sobre o tema é a irresponsabilidade atribuída às jovens que são tratadas como imaturas e promíscuas. Entre outras afirmações populares figuram os fatos de que os pais são permissivos, não agem de forma adequada com suas filhas adolescentes, não mantêm diálogos esclarecedores e que consolidam a consciência da maneira socialmente e moralmente correta.

Porém, Caldeira (2000, p. 223) alerta sobre o fato de que este período não pode ser visto apenas como de transformações corporais, mas sim como um ciclo essencial da vida do indivíduo, permeada pela tomada de posições familiares, sexuais e sociais no interior do quadro em que se encontra o indivíduo. Neste sentido, segundo Nascimento (2000, p. 200), a adolescência é uma fase da vida do ser humano muito peculiar, marcada por grandes mudanças e transformações, quer seja na forma física ou nas transformações intelectuais e psicológicas. A complexidade que envolve esse momento torna-se, na maioria das vezes, de difícil auto entendimento, levando a experimentação podendo gerar conflitos e inquietações entre os adolescentes, pais e a sociedade.

Para melhor entender o comportamento dos indivíduos em determinado contexto social precisamos analisar, primeiramente, o modo de ação de cada integrante, em especial das adolescentes que estão gestantes, bem como suas relações familiares, escolar e social.

Segundo documentos da OMS (Organização Mundial da Saúde), quando pensamos na adolescência como uma carga de construções biológicas, mentais e

sociais, devemos considerar pelo menos dois princípios básicos: o primeiro são as variadas e distintas experiências segundo os aspectos psicológicos e sociais referentes ao contexto onde vivem. O segundo são as características peculiares dessa importante etapa da vida, ou seja, a adolescência que convencionalmente inicia aos 10 anos e estende-se até os 20 anos passando por três etapas, sendo elas a adolescência inicial, que vai dos 10 aos 14 anos e marca as mudanças corporais; a adolescência média, que vai dos 14 aos 16 anos e marca as definições sexuais ou a sexualidade; e a adolescência final, que vai dos 16 aos 20 anos, fase esta que define o papel do jovem na sociedade e sua independência.

Para Bourdieu (1998), a principal tarefa do adolescente é, talvez, a formação da própria identidade, o senso de individualidade que o faz ser percebido independentemente dos demais. Nesta busca pelas identidades, os jovens passam a enfrentar conflitos que se manifestam com muita frequência, por exemplo, na busca pela sexualidade, definida por inquietações, dúvidas, experiências e descobertas que várias vezes, no caso das jovens, resulta em uma gravidez antecipada. A gravidez precoce traz consigo conflitos, preocupações e incertezas, seguidas por desajustes nas relações sociais, como enfatiza Bourdieu:

Uma das razões da gravidez na adolescência, na maioria dos casos é resultante do modo em que foram criadas e conseqüentemente como desenvolveram-se os instrumentos intelectuais para lidar com o conjunto de pressões as quais estas jovens são submetidas com origem do pai ou da mãe, do recinto familiar piorando suas capacidades de superar angústias e demais conflitos que os afligem. (BOURDIEU, p. 43, 1998).

O estudioso também aborda as relações de violência simbólica sofrida pelas jovens gestantes, que perpassam o contexto familiar e o social, passando pelos recintos escolares de forma muito sutil devido a contradição com as regras preestabelecidas nesses espaços, gerando nesses ambientes tensões cotidianas desnecessárias.

Nos ambientes escolares esses tipos de violência simbólica partem, principalmente, de educadores que praticam atitudes opressoras e autoritárias, provindas de concepções conservadoras errôneas e descabidas em relação aos alunos, a disciplina e a ordem de forma geral, uma vez que:

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade

formal a que obedece todo sistema escolar é injusta de fato, e que em toda a sociedade proclama ideias democráticas, ela protege melhor os privilégios do que a própria humanização. (BOURDIEU, p.122,1998).

As teses de Bourdieu sobre desigualdade escolar em sua obra “Escola Conservadora” de 1998, mostram que a educação reproduz as relações entre o social e o cultural contribuindo para o sistema educativo onde as produções estruturais e simbólicas entre as classes que participam da distribuição de capitais e culturas se destacam. Estas prerrogativas estabelecem, segundo o autor, a escola pública como principal responsável por contribuições no combate a violência simbólica, estabelecendo estruturas sociais sólidas na distribuição de capital cultural entre as classes. Ainda segundo o autor, no “funcionamento de uma instituição escolar que sem dúvida exerce papel tão importante para a sociedade, a ordem social tende a dar cada vez mais tudo a todos, e em especial a educação de bens comuns a todos como legitimação dos bens exclusivos”. (BOURDIEU, p.104, 1998).

A banalização da gravidez na adolescência ultrapassa determinadas bases que romantizam e expõe os fatos na mídia modificando-os e dando a impressão que as jovens são inconsequentes e problemáticas, atirando-as nos braços de uma sociedade voltada ao julgamento e aos rótulos, através de instituições onde sofrerão represálias e discriminação, deixando de lado as ferramentas possíveis para a construção da cidadania e do caráter. Esses posicionamentos, porém, poderão causar sequelas irreversíveis na formação social e na inserção afetiva destas jovens, prejudicando-as em suas trajetórias de construção da identidade pessoal.

Para Foucault (1988), a partir do desenvolvimento das linhas da sexualidade, em meados do séc. XIX, a noção de existências além de órgãos, corpos, prazeres, sensações e, propriamente, o sexo, passou a ser definido comum a mulher e ao homem, no entanto o sexo evidenciou-se mais aos homens que às mulheres. Foucault (1988) destaca que a sexualidade infantil prevê um “sexo” apenas presente pela anatomia, mas ausente fisiologicamente.

Por muito tempo, a sexualidade foi cuidadosamente confiscada pela família conjugal, absorvida somente na função reprodutiva. Quanto ao espaço social, como no seio de cada moradia, o único lugar de sexualidade reconhecida era os aposentos dos pais. As crianças eram vistas como “assexuadas”, sendo esta uma boa razão para reprimi-lo, para proibir que se falasse nele. (FOUCAULT,1988 p.16).

O autor nos passa as premissas de que os comportamentos sexuais objetivam, principalmente, a função reprodutora e de preservação da espécie, sugerindo a sexualidade na adolescência expressa nas formas de relações tanto heterossexuais quanto homossexuais, de liberação de fantasias e imitações. Generalizando-se de certa forma, como forma ou elemento estruturador de identidades dos adolescentes em momento da vida em esses encontram-se na busca de afirmação diante da sociedade e de transição perante a mesma.

Ainda segundo Foucault (1996), os processos de construção da identidade sexual são permeados por aspectos que envolvem a sexualidade do adolescente na escola. Isso se faz necessário para a autoafirmação do jovem perante a sociedade da qual ele faz parte, segundo suas afirmações, a sexualidade é o nome que se pode dar ao dispositivo histórico e a grande rede de superfícies que sugere estimulação dos corpos e os controles de resistência desencadeados segundo as estratégias da própria escola. Para o autor o “corpo humano numa maquinaria de poder que o esquadrilha, o desarticula e o recompõe, a disciplina fabrica assim corpos exercitados copos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo e diminui estas mesmas forças seja em termos políticos de obediência ou não” (FOUCAULT, p. 127,1996).

Michael Foucault (1996) ensina que a doutrinação dos corpos consiste em novas formas de dominação e poder, com o único objetivo de obter docilidade e utilidade, na adolescência, porém, é o momento em que as mudanças estão consolidando-se, que o jovem precisa de apoio, formas de compreender os fatos e a clareza nas determinações para tornar possível o entendimento das informações. Para ele, no decorrer do desenvolvimento da sexualidade, em meados do sec. XIX, percebeu-se que o ser humano não é apenas corpo físico e órgãos, ele abriga sentimentos, prazeres e sensações que constituem e caracterizam o sexo. Nesta perspectiva o sexo definiu-se em igualdade tanto para homens quanto para mulheres, porém, passadas várias décadas, o sexo passou a ser atribuído mais ao homem, tornando-se tabu em relação as mulheres.

Essas linhas de pensamento e ações em relação a vida sexual generalizava a violência, generalizando, também, rigorosas formas e proibições que uma vez transgredidas modela os sujeitos às causas do poder. Foucault (1988) destaca que no decorrer da contemporaneidade o comportamento sexual representa a perpetuação da espécie, e que as manifestações da sexualidade são vistas como elementos estruturadores de identidade do adolescente, expressando-se das mais

variadas maneiras nesta fase da vida. Neste momento em que cada ser humano em desenvolvimento procura seu lugar no grupo social ao qual pertence, ou seja, na sociedade como todo, podendo assim, nesta fase transitória pela qual precisa passar, as consequências poderão ser positivas ou não, determinando o seu futuro.

Foucault (1988) enfatiza ainda que as negativas sobre a opressão do sexo não são contestáveis, uma vez que a sociedade moderna aborda cada vez mais o assunto. As indagações de como é possível a introdução do sujeito social que contraria os padrões sociais estabelecidos diante de tradições conservadoras é desafiante e digna de um quebra-cabeça complexo, pois tais padrões encontram-se constantemente sob cobrança e em destaque nos ambientes escolares, seja qual for a classe social onde a disciplina e a retidão de comportamento são itens essenciais e exigências inatingíveis.

Segundo Outeiral (1994), a definição de adolescência é algo muito complexo, mas também é um processo onde acontece os processos de desenvolvimento do ser humano. O autor ressalta que a adolescência é como uma colcha de retalhos onde os comportamentos, formas de falar, agir, andar, divertir-se e vestir, entre outros, vão moldando uma identidade tal qual os retalhos em uma colcha. O autor enfatiza que através das metamorfoses afetivas, hormonais, funcionais e sociais as estruturas corporais ganham significações para o jovem, pois é através do corpo que os seres humanos exploram as percepções evolutivas pelas quais estão passando.

## 2.2 A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Todos os anos milhões de jovens brasileiras e na maioria pobres tornam-se mães, comprometendo o avanço das fases de escolarização, como afirma Guimarães (2001), destacando que a gravidez nas tenras fases da vida da jovem não é atribuída somente às classes mais baixas.

Ao pesquisar sobre a problemática, Figueiredo (2004) enfatiza que, ao se tornarem mães precocemente, as jovens estarão gerando diferentes conflitos familiares. Bourdieu (1988), por sua vez, relata que, quando a gravidez se dá quando a mulher ainda é adolescente, se estabelecem situações de ansiedade, medos e confusões. A gestação nesta fase da vida é um fenômeno frequente na sociedade atual, causando grandes índices de evasão escolar motivadas pela violência simbólica

que estas jovens sofrem no ambiente escolar, muitas vezes pelas ações e posicionamentos conservadores e autoritários de educadores.

Embora tenha havido modernização dos valores relacionados à sexualidade, isso não se fez de forma homogênea, nem os novos valores foram incorporados completamente. Assim sendo, ocorre com frequência contradições entre o discurso da liberação da sexualidade e suas práticas, entre os jovens. (GUIMARÃES, 2001, pg.54).

Enquanto isso, Yamamoto (2008, p.54) enfatiza a sexualidade vivida pelas jovens a respeito do fato do ganho de afeições do contexto cultural onde se encontram inseridas, incorporando as linguagens e valores que transitam no ambiente, deixando claro que há parâmetros estabelecidos ou distintos para esses casos, que tudo se dá segundo o momento e as concepções.

Dessa forma, devemos entender a sexualidade como uma construção social, onde a cada tempo e contexto histórico social ela é definida a partir de determinadas normas e valores. A partir deste entendimento é possível compreendermos os processos de violência de que jovens gestantes são condicionadas, bem como refletirmos sobre a superação delas.

### 2.3 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA PARA O DEBATE ACERCA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Historicamente a adolescência está vinculada a trajetória do percurso das famílias e da sociedade como um todo, uma vez que não poderia haver caminhos distintos entre as mesmas. Pelo viés sociológico, associa-se a gravidez precoce a marginalidade social seguida de conflitos familiares, refletindo também nas questões escolares. Como fatores relevantes, enfatiza-se a falta de informações, as precárias formas de acessos aos programas de saúde e aos contraceptivos como maiores dificuldades enfrentadas pelas jovens gestantes (HEILBORN, 2006).

Conforme Neme (apud SOUZA, 2011), em meados do século XX, entre 12 e 19 anos a gravidez não era considerada precoce, era habitual para o contexto e padrões culturais da época. Somente mais tarde é que as taxas de fecundidade feminina tiveram uma considerável diminuição em quase todos os países.

Para Heilborn (apud SOUZA, 2011), somente no decorrer da segunda metade do século XX é que teve início as distinções entre procriação e sexo, cujas

transformações de costumes mexeram significativamente nas formas comportamentais de homens e mulheres, onde a preservação da virgindade até o casamento deixou de figurar como significado moral, dando assim maiores condições para a possibilidade de gravidez precoce, afetando a sociabilidade das jovens.

Atualmente os fenômenos que envolvem a adolescência vêm sendo estudados com mais propriedade em diversas áreas da ciência. Os aumentos dos índices de incidência gestacional de adolescentes são destacados por Cobliner (apud PEREIRA, 2009), que atribui estes fatos a aspectos relacionados com a flexibilização de regras e normas familiares, bem como o relaxamento de controle dos pais ou famílias sobre os jovens.

Segundo Cobliner, os pais têm sido flexíveis em demasia em relação aos filhos de forma mais geral e abrangente, dando a eles maior liberdade de ações, deixando-os a mercê das concepções juvenis, que muitas vezes são inconsequentes quanto aos fatos de responsabilidades referentes a possíveis gestações que ocorrem de forma não planejada. Neste sentido, a rigidez de regras familiares pode implicar em conflitos e dificuldades de relacionamentos entre pais e filhos devido a essas novas concepções de juventude.

Essas mudanças nas regras das famílias resultam, quase sempre, como afirma Pereira (apud SOUZA, 2011), pela falta de eventos sociais, falta de programação e de estruturas relacionadas ao lazer, diversão e por atividades sexuais errôneas e descabidas, favorecendo a liberação da sexualidade tendo como consequência as gestações não desejadas. A falta de orientação a respeito de métodos contraceptivos levam os jovens a relacionarem-se sexualmente sem nenhuma prevenção ou proteção, proporcionando aumento nos índices de gravidez na adolescência no Brasil, que a partir de 2005 passaram a crescer na casa de 22% a mais por semestre.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apud Villela e Doreto (2006), 32% de jovens brasileiras entre 12 e 18 anos já são iniciados sexualmente, considerando que as porcentagens entre rapazes e moças são diferenciadas em proporção de 39% para as jovens e 61% para os rapazes, conforme destacado pela autora:

As dinâmicas das relações de gênero impõem as moças o recato em relação ao sexo, enquanto que, para os rapazes, se espera que não haja muito pudor em relação ao sexo ou ao tema. Este descompasso de expectativas nem sempre dizem respeito às vivências individuais, mas traz dificuldades para o diálogo aberto sobre sexo e compartilhamento de

estratégias para o início da vida sexual sem surpresas desagradáveis. (VILELLA; DORETTO, 2006, p.24-64).

Nas concepções dessas autoras, há um diferencial coeficiente de fecundidade entre as adolescentes, onde alguns jovens de classe mais baixa convivem com os desajustes de apelos consumistas percebendo-se apartados das vias de acesso a estes (Villela, Doreto, 2006). Nestes casos a gravidez precoce não é necessariamente um problema, mas sim a solução pelo fato de originar sentimento de identidade e também na função social.

Bourdieu (2009), para discutir as dinâmicas sociais dentro do espaço em que se relacionam os grupos sociais e seus respectivas posicionamentos, desenvolveu conceito de "habitus". O autor atribui à esse conceito as estruturas e disposições duráveis e resultantes dos sistemas de disposições, das formas de sentir, agir, perceber, de pensar e julgar e valorizar o mundo que influencia, de certo modo, os indivíduos a tomar ações e atividades determinadas diante das circunstâncias que se deparam.

Ainda segundo Bourdieu (2009) em relação a Setton (2002), as relações sociais se apresentam em caráter transitório frente aos papéis das instituições sociais, podendo induzir maiores liberdades de relações particulares de cada indivíduo, como, por exemplo, a liberdade reprodutiva, até mesmo pelo eixo principal e único da família e escola, bem como as instancias de sociabilização que constituem padrões identitários.

Esta ligação entre gravidez, escola, adolescência e abandono escolar vem sendo estudada por muitos pesquisadores de várias áreas, e em especial pela Sociologia, reforçando a necessidade de investigação desta temática. Bourdieu (2009), por exemplo, chama atenção para a banalização da violência, e abusos contra mulheres adolescentes, minimizados e naturalizados pela cultura sexista, onde os papéis de gênero são estereotipados pela própria cultura ainda no interior da própria família, contribuindo para a reprodução da subordinação feminina, viabilizando a ocorrência de abusos e violências simbólicas.

Essas percepções de Bourdieu apresentam-se em diálogo com as afirmações de Narvaz e Koller (2006), concordando com os pontos onde a violência vai além das relações coercitivas visíveis, implicando não só no uso da força física, mas também é disseminada pelas próprias instituições sociais.

Émile Durkheim, o sociólogo francês criador da sociologia da educação, concebe o jovem como bonito, como a metade do homem, cabendo ao professor formar ou construir no estudante as questões voltadas a moral e ao caráter com base nos ambientes em que vive: “A sociedade será melhor beneficiada através do processo educativo. A educação é a socialização da jovem geração pela geração adulta e quanto mais eficiente o processo melhor será o desenvolvimento da comunidade em que a escola esteja inserida. (DURKHEIM, p. 56, 2001).

Essa concepção durkheimiana, também considerada funcionalista, agrega consciência desprendida de músculos coletivos, porém originadas no interior da sociedade e coloca-se ao oposto do idealismo segundo o qual estrutura a sociedade pelo “espírito”, ou seja, pela consciência humana.

Portanto, a sociologia é uma área de conhecimento fundamental para compreendermos a questão da gravidez na adolescência como uma questão social que deve ser contextualizada e problematizada a partir das realidades material e subjetiva dos sujeitos.

### 3 IMPACTOS SOCIAIS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Segundo o Ministério da Saúde, cerca de 20% das crianças que nascem no Brasil são filhas de mães adolescentes. Os casos de gravidez precoce somam hoje cerca de 1,1 milhão por ano, sendo que as adolescentes fazem parte de grupos etários de 10 a 20 anos. Para este ministério, essa realidade deve-se a pouca informação e a vida sexual precoce cada vez mais evidente. Este problema se amplia a medida em que essas adolescentes encontram-se despreparadas para desempenhar o papel de mãe e de dar conta das responsabilidades e implicações que a maternidade exige.

Segundo Cano (2000, p. 18-24), dado ao fato de se tornarem mães, as jovens interrompem uma fase da vida que é crucial para o ser humano. Algumas delas abandonam os estudos, outras ainda por saberem que não darão conta dessa responsabilidade, buscam meios ilegais para abortar, ariscando a própria vida, Muitas outras jovens acabam saindo de casa para viverem com o pai da criança, deixando de serem adolescentes livres para se tornarem jovens mulheres casadas, onde a responsabilidade passa pelo cuidar de si, do filho, do marido e da casa.

Pela análise do Ministério da Saúde, a gravidez na adolescência é carregada de negatividade e sofrimento para a maioria das adolescentes. Segundo esta fonte, em nosso país o povo é pouco assistido pelo Estado, deixando ao acaso principalmente a juventude das classes desfavorecidas da sociedade, onde impera todo tipo de preconceito, a ditadura da beleza, o machismo e as cobranças de submissão aos padrões e modelos pré-estabelecidos, configurando um estado de injustiça social.

Outra implicação presente nesta realidade é a falta de políticas públicas e a mídia que expõe sexo explícito e irresponsável, fazendo com que os jovens adquiram para si esta realidade como verdadeira, encontrando no ato sexual a única alternativa de divertimento e prazer.

A gravidez pode acarretar à adolescente mudanças e transformações endócrinas, somáticas e psicológicas interferindo biologicamente em seu organismo de forma acentuada, podendo repercutir no desenvolvimento de sua própria vida (Ministério da Saúde). A gestação precoce tem sido assumida como ponto de pauta importante no debate acerca da realidade brasileira, configurando temáticas relevantes na sociedade, nos direitos sexuais e reprodutivos uma vez inseridos no contexto da saúde e, conseqüentemente, nos âmbitos sociais.

### 3.1 PADRÕES SOCIAIS REPRODUTIVOS E OS ESTIGMAS

Na construção dos parâmetros sociais as adolescentes engravidam “fora de hora”. A adolescência passa a ser vista também como problema de saúde pública em casos mais extremos, ganhando destaque nos índices dos programas de controle de maternidade juvenil, individual e coletiva. Por outro lado, não há preocupações maiores por parte das áreas da saúde na ampliação de programa ou projetos em parceria com instituições escolares que tragam mais informações aos jovens (COATES, 1999, p. 260).

Segundo Figueiredo (2004), o estado gestacional na adolescência traz vários agravamentos para o desenvolvimento das jovens, percorrendo desde os domínios relacionados a educação onde os rendimentos educativos são reduzidos chegando a evasão escolar; socioeconômico e ocupacional, prejudicando o acesso ao primeiro emprego; e psicológico, como estados depressivos, baixa autoestima e em alguns casos podendo levar ao isolamento social.

Além disso, os meios de comunicação além de formar a opinião pública, ditam modas e modos de vida, tendo a televisão papel fundamental promovendo modelos de vida inacessíveis, que, em conjunto com uma grande dose de ansiedade característica desta fase da vida de todas as pessoas, causam problemas de autoestima nos adolescentes. Para Felix (2003, p. 16), a grande influência que a mídia exerce nos seres humanos é, de certa forma, assustador, uma vez que a faixa etária mais vulnerável é a juventude.

A avalanche de informações desconstruídas ou indevidas levam os jovens a ingressar na vida adulta cada vez mais cedo. É preciso considerarmos que essas jovens ainda não adquiriram maturidade suficiente, orientações norteadoras, bem como estrutura emocional para isso, provocando ou desencadeando ações e comportamentos que muitas vezes culminam com resultados não apropriados para a referida fase da vida e, certamente, muitas complicações de ordem psicossocial.

Segundo Caldeira (2004, p. 224-228), a vida das adolescentes que enfrentam uma gravidez não desejada nem planejada, passa por diversas transformações, como, por exemplo, a perda de autonomia e de liberdade, o afastamento dos amigos, rejeição do namorado e da família e também o enfrentamento com as opiniões excludentes da sociedade.

Para Carvalho, *et all* (2008), em respeito a uma formação, o abandono e a evasão escolar acontece, na maioria dos casos, pela impossibilidade da estudante em desenvolver tarefas habituais. A adolescente que atravessa essa fase depara-se muitas vezes com todas estas situações sem ao menos saber como lidar com elas devido a sua gravidez.

Enquanto isso, Nascimento (2002) afirma que o início da vida reprodutiva caracterizado pela maternidade antecipa a maturidade biológica. Socialmente, o início da idade reprodutiva diferencia-se a partir dos contextos culturais e históricos, assim como as abordagens apresentam-se distantes e específicas a cada contexto em que os fatos acontecem.

Para Goffman (1988), considerando os fatores sociais no decorrer do tempo, a sociedade passou por grandes mudanças estruturais de concepções que a estruturam com melhores resultados de aceitação e entendimento referentes a sexualidade dos adolescentes e no que se refere ao sexo antes do casamento. O mesmo ocorre para os casos de gravidez precoce, fazendo com que aconteça a quebra de tabus e estigmas em relação a vida sexual nas primeiras fases da vida, onde biologicamente os corpos já estão aptos à reprodução. Porém, psicologicamente as estruturas estão incompletas, dificultando as condições sociais para assumirem a responsabilidade da formação de uma nova família.

Para os padrões sociais instituídos a gravidez diz respeito a duas pessoas efetivamente, ou seja, à mãe e ao pai. Estas prerrogativas levam a discriminação as jovens que decidem, ou não, contar com a ajuda do parceiro para levar adiante a maternidade. Nesses casos os olhares conservadores estigmatizam e destinam duras críticas às “mães solteiras”, pois essas não estão de acordo com os padrões sociais referente a constituição de família.

Albertina Takiutt (1986) enfatiza que a gravidez na adolescência é um desafio social onde a jovem, na maioria das vezes, fica sozinha e assustada com a gravidez, devido ao fato de os pais, amigos e familiares se afastarem ou a agredirem gerando grandes conflitos desnecessários. Esses conflitos condicionam essas jovens e futuras mães a assumirem novas responsabilidades, como a inserção ao mercado de trabalho para manter-se e sustentar o bebê.

Tais relações se mostram presentes em nossa pesquisa, onde quatro das oito adolescentes entrevistadas tiveram que começar a trabalhar mesmo em estado de

gestação para se sustentarem, resultando no abandono escolar e no adiamento de uma formação, caracterizando a baixa escolaridade das jovens mães.

A gravidez na adolescência, também acontece pelo descuido e pela falta de informação. É significativo também os casos em que a curiosidade pela experimentação do sexo resulta em gravidez. O fato de não acreditar na possibilidade de engravidar, a ausência de conhecimento de métodos contraceptivos ou o uso incorreto desses que o tornam ineficientes, são alguns dos meios pelos quais a gravidez indesejada se torna consequência.

Segundo Carvalho (2000), os anticoncepcionais não são eficazes nesta fase da vida pela irregularidade do uso e dos ciclos menstruais das adolescentes, ainda há também o receio de usarem, pois assim assumiriam perante a família e a sociedade que tem uma vida sexual ativa.

O impacto da gravidez associado as mudanças no funcionamento psicológico e social da mulher, pode caracterizar um momento crítico na vida das adolescentes, mesmo quando esta for planejada, pois, segundo Carvalho (2000, p. 10 -17), sempre existirão conflitos. Segundo Moreira (2008), os fatos conflituosos entre grávidas e familiares são responsáveis pelas decisões em que a única saída é o aborto, muitas vezes saindo da casa dos pais e submetendo-se ao aborto clandestino, no caso das adolescentes socioeconomicamente desfavorecidas.

Os contrastes entre a realidade e os estudos sobre o tema demonstram que a gravidez na adolescência vem quase sempre acompanhada de medos e incertezas. Também é frequente a preocupação com o futuro tanto da criança quanto da mãe, principalmente se a jovem for mãe solteira, pois ela precisa de muito apoio, atenção e carinho dos familiares. Se for bem acolhida, a futura mãe contará com a harmonia, a colaboração e o respeito de todos, então a gravidez tem maiores probabilidades de transcorrer de forma tranquila e sem riscos.

### 3.2 A GRAVIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR

A gravidez de adolescentes em fase de escolarização é sempre vista nos contextos escolar e social de forma discriminatória, atribuindo à gravidez a falta de informação e prevenção, bem como o descompromisso por parte das famílias que não incentivam ações de prevenção pelo poder público (AZEVEDO, 2006).

Souza (2017) destaca que os ambientes escolares e a maioria das instituições utilizam-se de metodologias diferenciadas com o objetivo de manter o controle disciplinar nos domínios escolares de forma acirrada, porém nem sempre suficientes para evitar comportamentos em desacordo com as regras desses espaços. A gravidez de adolescentes é visto na escola como algo anormal, fora das perspectivas escolares, onde as jovens passam por difíceis processos de inserção e permanência devido a não aceitação de sua condição pela comunidade escolar.

Segundo Canavarro & Pereira (2001), a descoberta da gravidez tende a gerar sentimentos contraditórios e muito confusos, onde há um misto de felicidade, alegria, medo, angústia e incertezas em relação ao futuro. Estas prerrogativas são associadas à noção de que teriam cometido um delito ou algo recriminável, deixando as jovens diante de condições inaceitáveis frente às perspectivas de seu grupo familiar, escolar e social.

A partir da adolescência ocorre o amadurecimento físico através das descobertas referentes ao corpo, aos hormônios e aos órgãos sexuais das meninas, especificamente nestes casos. Na busca do conhecimento sobre seus corpos e identidades, muitas adolescentes se tornam rebeldes, gerando conflitos familiares e sociais.

Uma das razões da gravidez na adolescência, muitas vezes tem relação com o modo em que foram criadas e conseqüentemente como desenvolveu-se os instrumentos intelectuais para lidar com o conjunto de pressões tanto internas quanto externas aos quais estas adolescentes são submetidas, criando um déficit na capacidade de autoconsciência das jovens para lidar com os impulsos, desejos, angústias e demais conflitos que as afligem. (BOURDIEU, 1998, pg. 43).

Para Durkheim (2001) o ser social é condicionado e associado as regras e os princípios não só morais, como religiosos, éticos e comportamentais, pois são esses os componentes que contribuirão para sua inserção nos grupos sociais. Para ele “o homem mais do que formador da sociedade, é um produto dela”.

Durkheim caracteriza a educação como sendo um bem social, por relacionar as normas de cada grupo ou sociedade e a cultura a que pertencem, valorizando ainda a cultura formada ou construída coletivamente.

Se a educação for desligada das causas históricas se tornará um exército de vontade a priori individual e isto é inconcebível. Como é que o indivíduo pode pretender reconstruir, por meio do único esforço de uma reflexão privada, o

que não é obra do pensamento individual? Os indivíduos só poderão agir na medida em que conceber o contexto em que está inserido é saber quais são as origens e as condições que dependem. (DURKHEIM, p. 56, 2001).

Segundo Durkheim (Ibid.), os conhecimentos referentes a educação só serão possíveis com análises práticas no interior da instituição, onde os saberes apresentam-se de forma bruta, as representações são lapidadas e as pessoas são colocadas cada uma no lugar que lhes cabe. Quanto a gravidez na adolescência, a partir desse autor é possível considerá-la uma “patologia social”, devido a ausência de regras e o enfraquecimento de valores, podendo ser também considerada como oposição a normatividade.

A gravidez na adolescência se configura como um problema social principalmente por representar um impedimento à essas jovens de consolidarem sua formação para garantir condições de autonomia responsável quanto as suas decisões relacionadas ao corpo e à sua inserção social.

#### **4 ESTUDANTES GRÁVIDAS: contexto e análise da pesquisa**

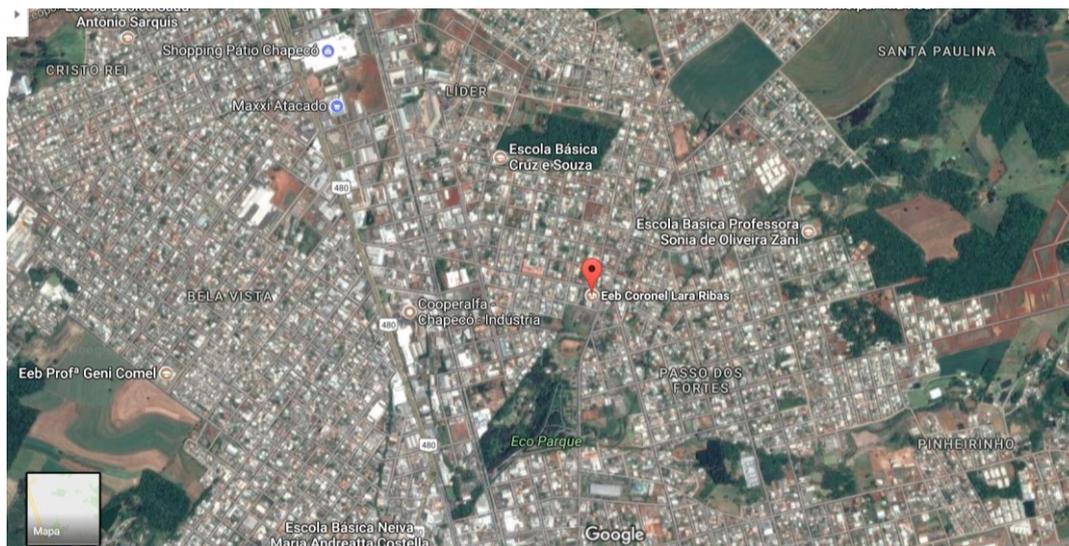
Para o desenvolvimento deste trabalho optamos pela pesquisa exploratória, de caráter qualitativa, caracterizada pelo trabalho de campo envolvendo oito (08) jovens estudantes e entrevistas semiestruturadas.

A técnica de entrevistas semiestruturadas possibilitou a coleta de dados de forma satisfatória e tranquila, norteando-se através da questão de como a gravidez é vivenciada na adolescência e como se constitui o contexto de forma geral. As identidades das adolescentes foram preservadas por questões éticas ao longo do estudo. Os dados foram analisados segundo as categorias e significado para melhor compreensão dos problemas vivenciados pelas adolescentes após a constatação da gravidez.

A partir das vivências com as adolescentes procuramos focar em especial na realidade escolar, com a intenção de investigar as proporções que a gravidez na adolescência podem influenciar nos fatores de rendimento escolar até os limites da evasão escolar. Das análises sobre a temática, uma das mais enfáticas reside nos fatos relacionados aos enfrentamentos pelos quais as jovens passam no contexto escolar para dar conta e seguimento em seus estudos, permeados por seu estado gestacional.

A Escola de Educação Básica Lara Ribas fica situada no Bairro Passo dos Fortes na cidade de Chapecó, SC, e foi escolhida como campo de pesquisa devido ao fato de que neste semestre 2017/1 encontram-se matriculadas oito (08) adolescentes grávidas com idade entre doze (12) e dezenove (19) anos e período gestacional entre 4 e 9 meses. Uma delas já se encontra nos últimos dias de gestação e uma outra já havia passado pelo parto e já estava vivendo o seu papel de mãe adolescente. Além dessas, outras adolescentes também foram ouvidas como forma de apoio para as gestantes.

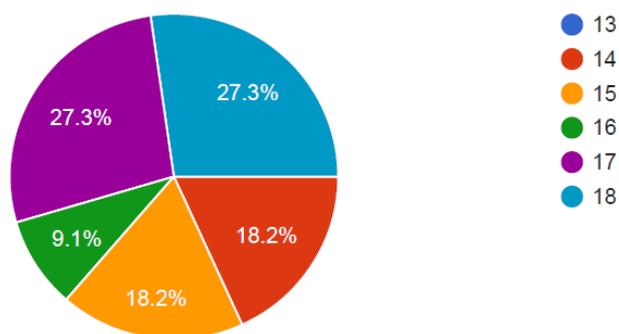
Figura 1 Localização EEB Cel. Lara Ribas



#### 4.1 CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO FAMILIAR E O PERFIL DAS JOVENS GESTANTES

O perfil das jovens pesquisadas através de entrevistas e conversas (conforme descritas na introdução), apresentam idades entre 13 e 18 anos (Gráfico 1) e todas estudantes do Ensino Fundamental ou Ensino Médio na EEB Lara Ribas.

Gráfico 1 Idade das gestantes



Essas jovens moram, em sua maioria, com pais e mães e nenhum ou dois irmãos, no entanto é notável um número maior da presença de pais do que das mães como observado no gráfico 2. Além disso, um dado interessante é a faixa etária dos responsáveis dessas jovens, em que cerca de 44% deles não atingiu os 45 anos de idade (gráfico 3).

Gráfico 2 Composição familiar na moradia

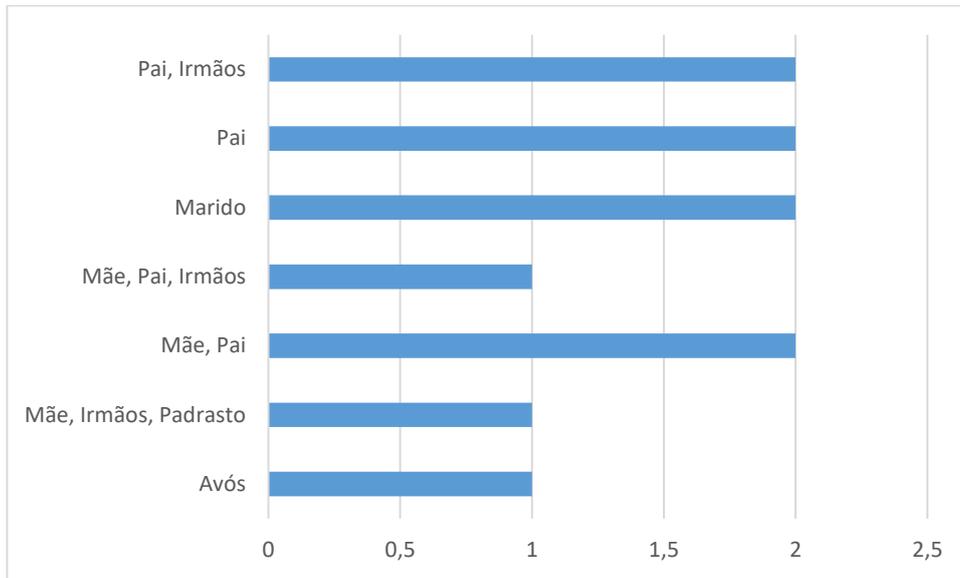
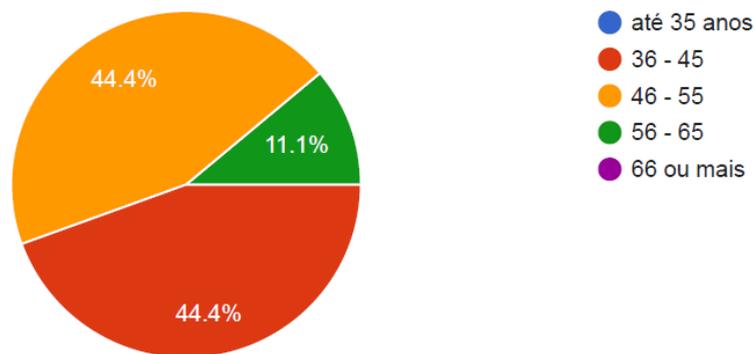


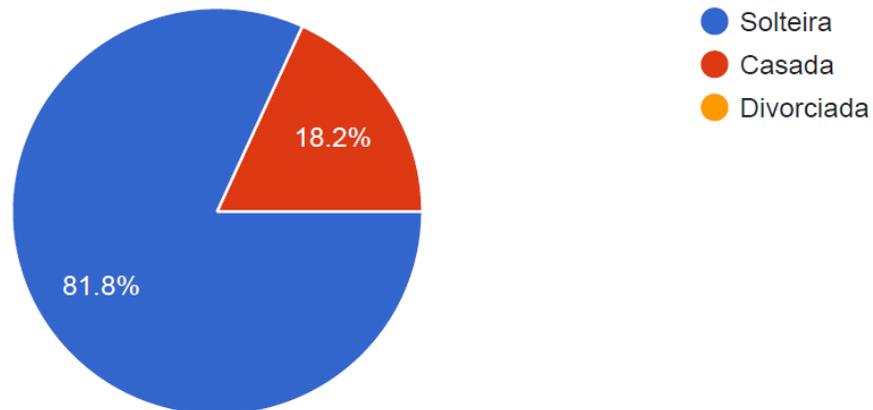
Gráfico 3 Idade dos pais/responsáveis



Essas jovens são membros de famílias de classes socioeconômicas média e baixa, onde os contextos familiares não se diferem muito das sofridas realidades de famílias brasileiras que vivem a difícil rotina da inserção social, discriminação étnica e salarial, seguidas pelo caos educacional causado pelas condições familiares e também pelos complexos sistemas educacionais nacionais ao qual nossos adolescentes são submetidos. São famílias tradicionalmente excluídas das políticas públicas.

Outro dado interessante do perfil dessas jovens trata de seu estado civil, pois ela representa, também, o compartilhamento da responsabilidade pela criança gerada. A maioria das jovens relatou em entrevista que os pais das crianças não se importaram com a gravidez, sendo que um deles sugeriu o aborto e outro engravidou outra colega meses após a entrevistada.

Gráfico 4 Estado civil das jovens gestantes



#### 4.2 CONHECIMENTO, INFORMAÇÃO E MÉTODOS CONTRACONCEPTIVOS

Um dos temas mais importantes e pertinentes na fase da adolescência é, sem dúvidas, o conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, considerando que a prevenção não se destina a evitar uma gravidez indesejada, mas também impede que os adolescentes sejam expostos aos perigos das DSTs, como a AIDS, proporcionando as vivências sexuais sem os fantasmas de tantos riscos que os envolvem. No entanto, a Organização Mundial da Saúde- OMS alerta que quanto mais cedo acontecer a iniciação sexual menores são as incidências do uso de métodos que evitem a gravidez.

Para Belo Silva (2004), na maioria das vezes as adolescentes grávidas tem informações amplas sobre os métodos contraceptivos, mas o fator agravante são as práticas de formas inadequadas de utilização dos mesmos. Segundo ele “das razões que poderiam justificar os comportamentos inadequados seria a imaturidade psicoemocional, característica da adolescência” (SILVA, 2004 p.38).

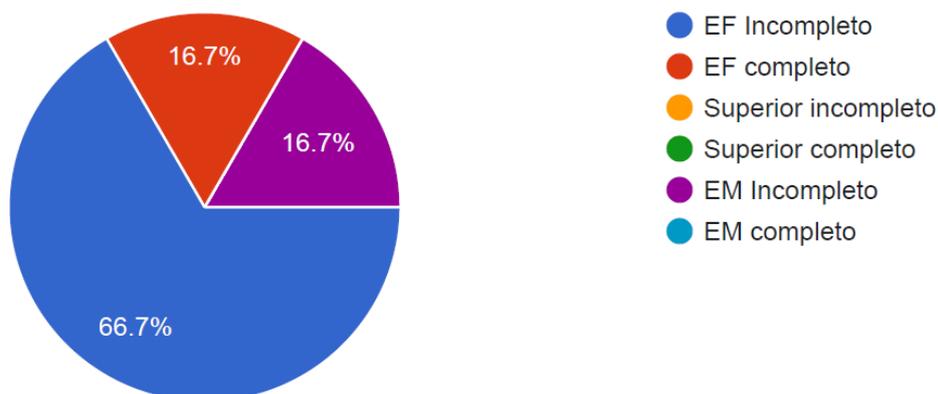
Estudos realizados pela Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil em 2012, referente as formas reprodutivas na vida de jovens brasileiros, apontam que a grande maioria dos adolescentes tinham conhecimento de pelo menos 1 (um) tipo de método contraceptivo afirmando já ter feito uso de alguns deles. Da mesma forma, as jovens entrevistadas afirmaram que já terem ouvido falar e que todas elas conhecem algum método contraceptivo, porém sem afirmações de uso. E é importante destacarmos que mesmo com o conhecimento da existência de algum tipo de método

contraceptivo todas as jovens entrevistadas afirmaram terem engravidado indesejavelmente.

Tratando-se dos questionamentos sobre possíveis motivos pelos quais, apesar de tantas formas de prevenção, ainda incidem em vários casos de gravidez precoce, destaca-se as dificuldades de diálogos com os referidos parceiros, desvalorização da possibilidades de engravidar, esquecimento de uso de camisinha, falta de informações, etc. Uma das jovens chegou a comentar que não usava camisinha pois seu namorado não gostava.

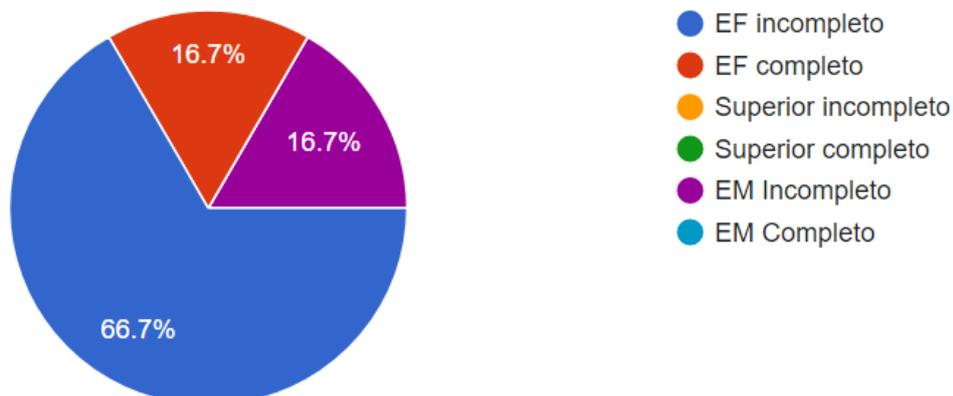
Além disso, é importante destacarmos a baixa escolaridade dos pais, os principais responsáveis dessas jovens, pois tanto os pais quanto as mães apresentam o mesmo nível de escolaridade e, infelizmente, um grau muito baixo (gráficos 5 e 6). Este dado é tão impressionante que as jovens cujos pais não cursaram além do ensino fundamental não sabiam sequer dizer se eram incompletos ou não, enquanto as jovens com pais que cursaram o ensino médio completo expressavam total conhecimento sobre a formação de seus pais, demonstrando até mesmo certo orgulho, e essas eram as jovens que engravidaram com idade mais avançada.

Gráfico 5 Escolaridade do Pai



A não-utilização de contraceptivos ainda apresenta-se carregada por pesadas doses de estigmas conservadores e ultrapassados, mesmo sendo estas concepções mantidas por jovens ou adolescentes que insistem no mesmo “erro” quando afirmam que a obrigação de proteção é das jovens e que elas é que tem a responsabilidade em se cuidarem, não os homens. Esta é uma demonstração de como existe uma influência cultural machista e que tal percepção implica na divisão das responsabilidades sexuais.

Gráfico 6 Escolaridade da Mãe



As razões pelas quais as adolescentes entrevistadas deixaram de fazer uso de métodos contraceptivos são representadas por argumentos como: “Nem pensamos nisso na hora”, “Meu namorado não gosta de usar”, “Foi a primeira vez...”, “Achamos que não dava em nada”.

Pelas falas das entrevistadas ficou evidente o fato de que a maior fonte de informação que elas acessam é por meio das indicações dos atendentes de farmácias. Isso ocorre devido ao sentimento de vergonha e/ou receio de ir ao médico ou informar-se com os pais, agindo por intuição própria e equivocada, principalmente quando se trata dos anticoncepcionais orais, opção feita pela facilidade de uso. No entanto, a automedicação por si só resulta em formas ou maneiras incorretas de uso, sendo pouco ou nada eficaz, trazendo efeitos colaterais indesejados, levando as adolescentes ao abandono do uso e resultando na gravidez.

Desta forma, é fácil deduzir que formas de evitar a gravidez precoce entre adolescentes existem de forma bastante amplas, e disponível ao alcance de todos, o contraditório é o uso inadequado e as informações equivocadas acerca destes métodos.

#### 4.3 PERCEPÇÕES DAS ADOLESCENTES QUANTO A GRAVIDEZ

Apesar de muitos pesquisadores se debruçarem sobre a temática, é necessário ouvirmos o que essas adolescentes pensam a respeito da gravidez nesta fase da vida, pois assim podemos compreender melhor as implicações que essa condição traz às diferentes dimensões de suas vidas. Essas jovens serem reconhecidas como sujeitos e não objetos da pesquisa é uma perspectiva fundamental para um trabalho como

este. Neste sentido foi necessário conhecermos mais sobre seus anseios através de nossas entrevistas, que trouxeram os resultados apresentados a seguir.

Primeiramente é necessário dizer que das sete adolescentes grávidas e da jovem mãe, apenas 2 estão cadastradas no Programa de Saúde da Família do município. Desta forma apenas duas tem acompanhamento e apoio psicológico, atendimento odontológico, obstétrico, ginecológico, cardiológico, e atenção especial em relação aos serviços de enfermagem e clínica geral.

Seguindo o roteiro da entrevista, quando questionado sobre a gravidez ter sido um problema inesperado, surgiram respostas como:

[...] em toda minha vida jamais pensei que ia passar por isso[...] (C. A. 15 anos).

[...] fiquei sem saber o que fazer, só tinha vontade de chorar, era muita coisa para minha cabeça {...} (L. M. 16 anos).

[...] eu sabia que meu pai ia me bater e me pôr para fora de casa, além de meu namorado que me deixaria quando soubesse, pensei em me atirar da janela [...] (R. S. 14 anos).

Em nenhum momento alguma delas mencionou a palavra “escola” ou manifestou preocupação com os estudos, só quando questionado objetivamente sobre.

A instituição escolar, onde se procedeu esta pesquisa, abriga centenas de alunos num universo de diversificações de comportamentos que permeiam a realidade escolar e social destes jovens. A maioria é proveniente de classes sociais baixas, com trabalhos como operários, trabalhadores das agroindústrias e pequenas empresas das imediações. Esses estudantes também fazem parte de comunidades onde os índices de violência são bastante elevados, os níveis de escolaridade são muito baixos, onde a maioria dos pais não possuem escolarização além da 8ª série.

Quando abordado questões de cunho psicológico, foi possível notar que:

- As oito gestantes manifestaram preocupações maiores com as questões familiares sem mencionar a escola, porém todas foram enfáticas em afirmar que agora precisam trabalhar para sustentar o bebê e a si mesma.
- Ficou evidente a insatisfação de quase todas as adolescentes diante da gravidez, pois, devido à ela, sentiram-se excluídas da família.

- Algumas jovens também expressaram, com lágrimas nos olhos, terem desejado abortar e cometer suicídio. Porém, ao final, constatamos que não houveram abortos.
- As jovens demonstravam-se inseguras para responder as perguntas da entrevista, a medida em que expressavam profunda tristeza, ficavam olhando em ponto fixo, e não demonstravam ter perspectivas positivas de futuro próximo.

[...] tenho medo da reação de meus pais, eles ainda não sabem (C.A.15 anos).

[...] levei uma surra que pensei que ia perder o bebê (L.M 16 anos).

[...] minha preocupação é de como vou me virar, a escola tanto faz (R.S.14 anos).

- Notei a grande preocupação em saber a reação do pai diante da notícia da gravidez, sugerindo a possibilidade de violência e a agressividade paterna, onde a figura da mãe se apresenta como protetora e de melhor aceitação. (Relatos de L.M, 16 anos).
- Outra constatação em dois casos das oito analisadas foi o abandono do pai da criança. Em outros dois, a confirmação da gravidez foi recebida positivamente pelo companheiro, assumindo o compromisso de paternidade: “[...] há, ele ficou feliz, sempre sonhou em ser, ser pai um dia. ” (K.P 17 anos).
- Ficou claro também a desestruturação familiar diante da evidência da gravidez, em poucos casos houve a aceitação atípica e acolheram com compreensão afeto a adolescente. Segundo relato do pai de uma das adolescentes: “[...] esse neto vamos criar como mais um filho.” (pai de C.Z 15 anos).
- Houve a sugestão de casamento imediato em um dos casos, decisão provinda dos pais da jovem, mesmo não sendo a vontade nem da jovem e nem do pai do bebê.
- Os fatos de exclusão familiar e sugestão de aborto evidenciado só pioraram as condições psicológicas das gestantes.
- Das oito, apenas duas eram de nível socioeconômico médio. Outras cinco, devido às suas condições econômicas, afirmaram que abandonariam os estudos para poder trabalhar.

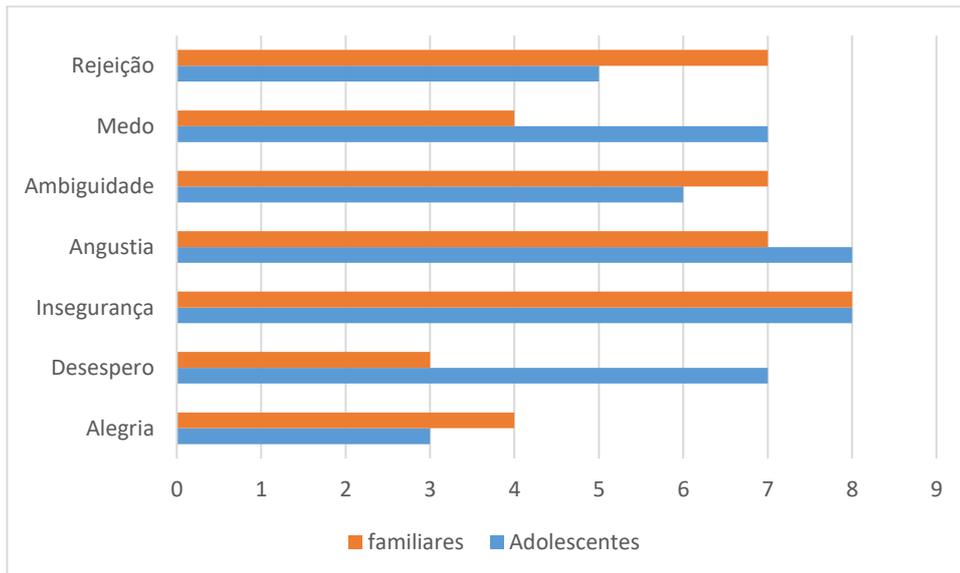
- A adolescente que já é mãe se mostrou feliz com a situação e estava fazendo planos para o futuro, como a conclusão do ensino médio e ingressar em alguma instituição de ensino superior.
- Perante a possibilidade de evasão escolar dessas adolescentes, a escola se posicionou contrária, contudo com pouco efetividade.

#### 4.4 OUTRAS PERSPECTIVAS DIANTE DA REALIDADE DA GRAVIDEZ

As fases que permeiam a gravidez precoce traz às jovens o experimento de diferentes sentimentos, que vão desde a euforia de estar gerando uma nova vida dentro de si, até as angústias diante das incertezas de seus futuros. Esses sentimentos são produzidos e compartilhados nas relações intrafamiliares de acordo com o contexto de cada uma das adolescentes grávidas.

Os impactos emocionais diante de uma gravidez precoce e não planejada podem assumir diferentes graus de acordo com a responsabilidade que cada membro da família assume sobre ela, como demonstrado no gráfico a seguir.

Gráfico 7 Impactos emocionais



A partir do depoimento das adolescentes ficou claro o desenvolvimento de desajustes emocionais logo ao saberem de suas condições.

“...fiquei feliz, mas preocupada com tudo! ”

“...me sinto muito insegura, porque agora estou sozinha! ”  
“...meu namorado não esperava que isso fosse acontecer! ”  
“...muito medo da reação dos meus pais, da minha família! ”  
“...medo, frio na barriga, mas estou feliz! ”

Quanto as reações dos companheiros, a maioria das jovens disseram que eles foram indiferentes e afirmaram que não assumiriam responsabilidades pela gravidez.

“...ele disse gostaria de ser pai um dia, mas não agora! ”  
“...não quer saber de criança, está falando em abortar! ”  
“...disse que vai ajudar conforme puder! ”

Estes depoimentos demonstram que há uma divisão entre os jovens, cujas emoções são diversas e inesperadas quando se deparam com a possibilidade de ter que assumir responsabilidades pela criança que vai chegar. E apesar das negativas dos companheiros, neste caso específico, nenhuma das jovens concordou com a possibilidade de aborto.

Já em relação à família, não notamos um medo maior, pelo contrário, prevaleceu o sentimento de solidariedade, de apoio à jovem e futura mãe, uma vez que agora não há nada a fazer. Outro fato surpreendente é a alegria de alguns pais pela chegada de um primeiro neto, segundo o relato de um pai essa criança será como um filho, receberá carinho e será cuidado para ser bem-criado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das leituras realizadas para este trabalho e o conjunto de informações e ferramentas utilizadas para esta pesquisa, possibilitou identificarmos diferentes áreas de conhecimento que buscam por respostas e esclarecimentos sobre a gravidez na adolescência, bem como ações e comportamentos nos contextos que permeiam as vivências particulares e sociais das jovens.

No decorrer dos capítulos procurei apresentar vários aspectos relativos a adolescência e aos períodos gestacionais aos quais as jovens se encontram ou já passaram, sempre embasados por pesquisas já realizadas, enfatizando comportamentos sexuais das adolescentes como fator de implicações da gravidez precoce e reflexos no âmbito familiar, escolar e social.

Através da metodologia aplicada foi possível perceber a gravidez na adolescência como não só uma fase de mudanças na vida das jovens, mas sim para todos os envolvidos nos contextos em que fazem parte. O momento em que se recebe a notícia da gravidez em quaisquer que seja o seu grupo, sempre é de muita surpresa, gerando desespero por parte de familiares ou das próprias adolescentes.

Os padrões sociais por si só, nestes casos específicos de gravidez precoce, exerce pressão considerável sobre as adolescentes e suas famílias, expressas nas atitudes e olhares, comentários maldosos, ficando explícito as noções preconceituosas. Sendo assim, o apoio dos pais e demais familiares é o primeiro porto seguro que estas futuras mães poderiam encontrar, mas que nem sempre se apresenta como alternativa de compreensão e acolhimento. Sendo o apoio familiar fundamental para o equilíbrio emocional dessas jovens, uma vez que elas não o têm podem entrar em colapso, pois ainda não possuem maturidade suficiente para encarar esta condição sozinhas.

Sobre a ocorrência da gravidez, as adolescentes atribuem aspectos negativos pelo fato de que a situação criada é irreversível e que não tem como mudar ou voltar no tempo para poder evitar ou fazer de outra forma. As adolescentes sentem-se ligadas ou presas a uma realidade difícil, de radicais mudanças, de perda de liberdade em suas vidas. Por outro lado, estas adolescentes se deparam com a situação complicada dos conflitos emocionais e sociais, assim como a necessidade de tomar decisões que só seriam necessárias num futuro ainda distante.

Em relação ao pais ou responsáveis pelas adolescentes, os mesmo atribuem a gravidez como consequência da irresponsabilidade de suas filhas, pois elas deveriam estar focadas em estudar e começar a construir seus futuros. É evidente também um apoio maior dos pais das adolescentes, figurando as mães como mais ausentes ou afastadas.

Principalmente para os pais, é necessário um tempo maior para poder assimilar e adequar-se as mudanças em meio aos sentimentos de rejeição, aceitação, inquietações, alegrias e tristezas.

Os posicionamentos das adolescentes refletem as colocações dos pais ou responsáveis, sempre revestidos de muita inquietação, ora positivos, ora negativamente. É uma mistura de sentimentos que confundem as adolescentes.

Um dos sentimentos de culpa notado nos relatos das adolescentes é o fato de atribuir a gravidez à atitudes irresponsáveis, como em relação ao não uso de métodos contraceptivos, desde o mais conhecido como a “camisinha” ou a “pílula”, por vezes usada de forma inadequada ou até mesmo deixando de usar com regularidade.

Quanto as condições emocionais e sentimentos dos jovens sobre a gravidez, houveram afirmações de que a partir de sua confirmação, assumiram posturas pessimistas devido o constrangimento, dificuldades de enfrentar os pais, além do sentimento de vergonha.

A gravidez precoce põe em ultimato as liberdades dessas jovens devido as drásticas mudanças de rotina. Também houve ênfase nas afirmações de interrupções dos estudos com a situação de gravidez.

Neste estudo, ficou evidente que os homens estão distantes de suas responsabilidades, sendo que uma das gestantes mencionou que seu parceiro chegou a sugerir o aborto, onde podemos notar o acesso de uma pequena mudança de valores e hábitos na sociedade.

Outro fato marcante são as atribuições aos estudos e a escola, onde as adolescentes manifestaram a intenção e o desejo de voltar a estudar, concluir os estudos do ensino médio e ingressar na universidade.

A escola aparece como referência ou ponte para tocar a vida, mas também como vertedouro de amizades, mas que, diante da gravidez, influencia para o rompimento de muitas amizades, diminuindo o número de amigos e o conseqüente o apoio.

A gravidez precoce e indesejada proporcionou à essas jovens a interrupção de seus planos de vida e de muitos sonhos, onde afirmam que tudo transcorreria normalmente e sem dificuldades se não tivesse ocorrido a gravidez.

Para Cano et al (2000), é essencial que haja uma parceria mais eficaz entre a família, escola e a saúde, construindo alternativas de educação sexual. É necessário, portanto, que pais professores/educadores e sociedade procurem desmistificar a sexualidade, contribuindo para a construção de uma cultura de informação e formação sexual como forma preventiva.

A escola figura como despreparada para receber a jovem em estado gestacional, uma vez que não possui programas específicas para atender a esse público.

O presente trabalho trouxe a percepção de que o público estudado necessita de olhares especiais, atenção e apoio, levando em consideração que a gravidez na adolescência provoca conflitos de identidades dessas jovens, deixando para trás a infância, os amigos, a escola e os sonhos.

É preciso lembrar que os traumas causados pelas situações constrangedoras pelas quais as adolescentes gestantes são expostas podem acarretar em consequências negativas e estigmatizadas para o resto de suas vidas, segundo o que sugere os relatos das entrevistadas nesta pesquisa.

Diante disto, fica claro a necessidade do incentivo de projetos direcionados à esta faixa etária nas instituições escolares, devido ao seu papel na construção de noções, opiniões e caráter de seus estudantes, evitando, inclusive, a evasão escolar.

Perante as dificuldades que as jovens gestantes enfrentam para permanecer na escola, em harmonia familiar e social, as instituições escolares poderiam ser espaço para acompanhamento dessas jovens a partir da confirmação da gravidez, em conjunto ou convênio com serviço público de saúde. Esta é uma forma de garantir a continuidade da formação das adolescentes gestantes.

Neste sentido, este trabalho poderá trazer contribuições para o entendimento da complexidade das construções sociais em tão tenra fase da vida, carregada pelo peso dos implicativos da gravidez precoce, bem como, influenciar e conduzir futuros estudos acerca dos conflitos familiares, escolares e sociais diante da gravidez de adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Retratos da juventude brasileira. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2010.
- AZEVEDO, G. M; CARVALHO. M. A. B. **Gravidez precoce: Que problema é esse?** Ed. Paulus. São Paulo, 2006.
- BELO, Silva. **Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes.** Revista de Saúde Pública, 2004, pg.38.
- BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora.** As desigualdades frente à escola e a cultura. Ed. Vozes. Petrópolis, 1998.
- CALDEIRA, Alony Pinto. **Adolescentes grávidas.** Seminário do instituto de saúde pública. Ed. Cortez. UERJ. Rio de Janeiro, 2004.
- CANAVARRO, M.C.&. Pereira, A, L. **Gravidez e adolescência.** São Paulo. Ed. Quarteto. 2001.
- CANEVACCI, M. **Dialética da família.** Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1987.
- CANO, M. A. T; FERRARI, Maria da Graça Carvalho; GOMES, Romeu. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico.** Ver. Latino Americana de Enfermagem. Vol. 8. N°2, pg.18-24. Ribeirão Preto, 2000.
- CARVALHO, I. E. **Fatores associados a gestão a serviço da saúde pública por adolescentes gestantes.** Ver. Saúde Pública, Vol.42, pag. 84-94. São Paulo, 2008.
- COATES, V. **História brasileira da medicina do adolescente.** 4° edição. Porto Alegre, 1999.
- COBLINER, In: PEREIRA, J. L. **Histórico da gravidez na adolescência.** Ed. Revinter. Rio de Janeiro, 2004.
- CORREIA, Andreia Ligia Vieira; GONZAGA, Katherine Rozy Vieira. **Comportamento adolescente: Rebeldia ou doença?** Ed. Ciência Moderna LTDA. Rio de Janeiro, 2009.
- DURAN, J. G. **Violência física doméstica e gestação.** 2° ed. USP. São Paulo, 2006.
- DURKHEIM, E. Educação e sociologia. Edições 70°. Lisboa 2001.
- FELIX, Fabiola Angastem. **Juventude e estilo de vida; Cultura do consumo, lazer e mídia.** UNICAMP. Campinas, SP. 2003.
- FIGUEIREDO. B. **Maternidade na adolescência.** Ed. Século. São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade.** 12° ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: Vontade de saber.** São Paulo: Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4º ed. Rio de Janeiro, 1988

GUIMARAES, E.M.B. **Gravidez na adolescência.** Uma visão multidisciplinar. Ed. Moderna. São Paulo, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. **O aprendizado da sexualidade.** Rio de Janeiro. Fiocruz e Garamand, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Relações sociais e serviço social no Brasil.** Ed. Cortez. 24º edição. São Paulo, 2008.

LOPES, I. M. A. S. **Caracterização da violência sexual contra mulheres.** Revista brasileira de ginecologia e obstetrícia. P. 111-116. São Paulo, 2004.

MARTIN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder;** psicologia social desde Centroamérica II. San Salvador: UCA, 1993.

MINAYO, M.C de S. (Org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade.** 22 edição. Rio de Janeiro. Vozes, 2003.

MOREIRA, M. M. T. **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.** USP. São Paulo, 2008.

NARVAZ, M.G; KOLLER, S. M. **Mulheres vítimas da violência doméstica:** Compreendendo subjetividades assujeitadas. Psico, vol.37, p.7-13. São Paulo 2006.

NASCIMENTO, E. Maria Vasconcelos do. **Maternidade, desejo e gravidez na adolescência.** Ed. EDUFRA. Salvador, 2002.

OUTEIRAL, J.O. **Adolescer: estudos sobre adolescência.** Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

PEREIRA, J. L. **Aspectos históricos da gestação de adolescentes.** In: MONTEIRO, D. L. M; TRAJANO, ALEXANDRE, J. B; BASTOS, A. C. **Gravidez e adolescência.** Ed. Revinter. Rio de Janeiro, 2004.

SETTON, M. da G.j. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu.** Revista Brasileira da educação, n.20, p.61-70. São Paulo,2002.

SOUZA, F. **Ações da enfermagem na prevenção de gravidez na adolescência.** Disponível em: <http://www.weartigos.com/outros/27901/felipelopesdsouza>. Acesso em 15 de abril de 2017.

TAKIUTT, Albertina. **A adolescente está ligeiramente grávida, e agora?** Gravidez na adolescência. Coleção e sociedade precisa saber. São Paulo. 1986.

VIEIRA, D. **Caracterização da violência contra crianças e adolescentes.** Revista da enfermagem. UERJ, Vol. 12, p. 300-319. Rio de Janeiro, 2004.

VILLELA, W. V; DORETTO, D. T. **Sobre as experiências sexuais dos jovens.**  
Caderno Saúde Pública. Vol.22.Rio de Janeiro, 2006.

## APÊNDICE

### Apêndice 1.

#### Roteiro de entrevista.

1. Qual a sua idade?
2. Qual seu estado civil?
3. Com quem você mora?
4. Qual a idade de seus pais?
5. Qual a escolaridade de seus pais?
6. Qual a profissão de seus pais?
7. Você trabalha?
8. Sua gravidez foi planejada?
9. Como você se sentiu com a confirmação de sua gravidez?
10. Qual a sua visão sobre a gravidez na adolescência?
11. Você conhecia algum método contraceptivo?
12. Como foi a aceitação do seu grupo familiar ao serem comunicados sobre sua gravidez?
13. Houveram mudanças nas suas relações familiares após a descoberta da gravidez?
14. Qual foi a atitude de sua família em relação ao pai da criança?
15. Como foi a aceitação por parte do pai da criança?
16. Como você se sente agora no ambiente escolar?
17. O fato de estar grávida provocou mudanças na sua vida pessoal, familiar e social?
18. À quais fatores você atribui a ocorrência da gravidez da adolescência?
19. Como você se sente diante de seu grupo social?
20. De quem você recebe mais apoio hoje?
21. Pretende continuar os estudos?
22. Você faz acompanhamento pré-natal?
23. Quais são as suas perspectivas para o futuro?

Apêndice 02.

## CARTA DE CIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezados pais ou responsáveis:

Meu nome é Mariza da Silva, sou estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Chapecó/SC. Eu e minha professora Maria Alice Canzi Ames estamos fazendo uma pesquisa sobre gravidez na adolescência com estudantes do ensino médio. Para isso, estaremos, na próxima semana, convidando seu (sua) filho (a) para participar deste trabalho.

Sua filha será convidada a responder algumas questões sobre a gravidez na adolescência. A entrevista é anônima, isso é, sua filha não precisará colocar nome no questionário/entrevista. Em nenhum momento desse trabalho os estudantes serão expostos ou sofrerão qualquer espécie de danos físicos ou psicológicos.

A direção da escola de sua filha autorizou a realização da pesquisa. Dessa forma, a pesquisa não prejudicará as aulas.

Cabe ressaltar a importância da participação dos estudantes para a realização desse trabalho, pois a partir dele, poderemos pensar ações de melhoria na qualidade da educação social.

Se os senhores concordarem com a participação de sua filha nesta pesquisa, por favor, assinem esta carta.

Desde já agradeço a contribuição para o desenvolvimento desta atividade e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento sobre esse trabalho.

---

Mariza da Silva

Acadêmica do curso de Ciências Sociais

---

Maria Alice Canzi Ames

Professora Orientadora

---

Ciente dos Pais ou Responsáveis

Chapecó, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.